

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2022v9n3p137-148



A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE PERCEÇÃO DO COTIDIANO DO AUTISTA ATRAVÉS DO TRABALHO DE TIMOTHY ARCHIBALD

PHOTOGRAPHY AS AN INSTRUMENT FOR THE PERCEPTION OF THE AUTISTIC'S DAILY LIFE THROUGH THE WORK OF TIMOTHY ARCHIBALD

LA FOTOGRAFÍA COMO INSTRUMENTO PARA LA PERCEPCIÓN DE LA VIDA COTIDIANA DE LOS AUTISTAS A TRAVÉS DE LA OBRA DE TIMOTHY ARCHIBALD

Agni Devi da Costa¹
Aline Macke Roese²
Ana Paula Gomes Coimbra³
Paula Garcia Lima⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar o uso da fotografia como modo de expressão, analisando a obra *Echolilia* do artista Timothy Archibald, por meio da qual fotografa seu filho autista e, em paralelo, representa as manifestações sensíveis do seu dia a dia. Neste sentido, buscamos compreender sobre a capacidade de sensibilização, trazendo para a discussão a observação de um material que contribua na conscientização e assimilação da realidade, das dificuldades, e das alegrias rotineiras de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tendo como base teórica Philippe Dubois, por meio do seu modelo de análise em que trata dos modos de representação do real, entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Autismo. Timothy Archibald.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the use of photography as a mode of expression, analyzing the work *Echolilia* by artist Timothy Archibald, in which he photographs his autistic son and, in parallel, represents the sensitive manifestations of his daily life. In this sense, we seek to understand about the awareness of photography to deliver to its final recipient material that contributes to the awareness and assimilation of reality, difficulties, and the routine joys of a person with ASD (Autistic Spectrum Disorder) having as theoretical basis Philippe Dubois, through his analysis model that deals with the modes of representation of the real, among other authors.

KEYWORDS

Photography. Autism. Timothy Archibald.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo investigar el uso de la fotografía como modo de expresión, analizando la obra *Echolilia* del artista Timothy Archibald, en la que fotografía a su hijo autista y, en paralelo, representa las sensibles manifestaciones de su vida cotidiana. En este sentido, buscaremos comprender sobre la conciencia de la fotografía para entregar a su destinatario final, un material que contribuya a la toma de conciencia y asimilación de la realidad, las dificultades y las alegrías rutinarias de una persona con TEA (Trastorno del Espectro Autista) teniendo como base teórica a Philippe Dubois, a través de su modelo de análisis que aborda los modos de representación de lo real, entre otros autores.

PALABRAS-CLAVE

Fotografía. Autismo. Timothy Archibald.

1 INTRODUÇÃO

Timothy Archibald é cidadão americano, fotógrafo, e pai de Elijah, também chamado de Eli. Segundo Barbosa (2013, on-line), ele iniciou um projeto fotográfico, chamado *Echolilia*, devido às dificuldades enfrentadas em se conectar com seu filho, que é portador do Transtorno do Espectro Autista. Quando Eli tinha cinco anos, buscando entender a condição do filho e criar de certa forma um meio de comunicação com ele, Archibald conta que no começo Eli não entendia muito bem porque o pai o fotografava, mas que com o tempo o projeto passou a ser um projeto dos dois. Esses retratos tornaram-se um livro com 43 fotografias, onde algumas delas serão analisadas no trabalho proposto.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, duas fotografias serão analisadas individualmente, trazendo a perspectiva do observador (autoras), perante a obra apresentada. Tendo em vista que alguns indivíduos, por não conhecerem ou não terem convívio com pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), muitas vezes, não têm ciência sobre a rotina de um autista. Assim, busca-se investigar de que maneira determinados registros fotográficos do artista Timothy Archibald, acerca do cotidiano da pessoa com autismo, podem conscientizar a sociedade sobre o Transtorno Espectro Autista a fim de promover a inclusão.

Com vistas a buscar respostas para este questionamento, neste trabalho são investigados meios de sensibilizar a sociedade para a inclusão conhecendo momentos do cotidiano e vivências da pessoa com autismo, por meio de registros fotográficos do artista Timothy Archibald, também compreender o TEA e descrever como a fotografia, por meio da sua sensibilidade, é capaz de promover essa compreensão acerca do autismo.

Segundo Dubois (1994, p. 30) “o papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo”. Assim, defende-se que a relevância deste trabalho está na compreensão de que a fotografia desempenha um papel muito importante no que diz respeito à sensibilização da sociedade em relação ao seu cotidiano, pois, por meio de registros específicos, um lado mais emotivo aflora em quem a percebe.

A apresentação da fotografia à sociedade como um todo, e não apenas a familiares e a outras pessoas diretamente em contato com pessoas com TEA, confere abrangência mais ampla, diferenciada, e com novo significado do trabalho desse artista. Para tanto, analisar fotografias que compõem a obra de Archibald, por meio da perspectiva das autoras e norteada pela obra *Um ato fotográfico e outros ensaios* de Dubois (2013), explica o método escolhido e adotado para a realização deste trabalho.

A partir das motivações e objetivos expostos, o trabalho é dividido em três tópicos, sendo que o primeiro aborda o método utilizado, onde explicamos o modo de análise e a referência utilizada; o segundo, traz uma abordagem teórica sobre os temas em discussão, como fotografia e autismo; e, por fim, o terceiro tópico, denominado Projeto Echolilia e os modos de reprodução do real, o qual faz a análise de duas fotografias da obra de Timothy Archibald, tomando como referencial teórico aspectos abordados por Dubois (2013).

2 MÉTODO

O projeto fotográfico de Timothy Archibald em análise, intitulado *Echolilia: Sometimes I Wonder*, foi desenvolvido com o intuito de registrar imagens espontâneas do cotidiano e, por meio destes registros, estreitar a relação entre pai e filho, a qual ocorreu, posteriormente, quando o pai, também fotógrafo, passa a observá-las.

Portanto, considera-se importante para a sociedade a afirmação de Dubois (1998, p. 25), o qual diz que “Toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio”. Neste sentido, a análise das duas fotografias elencadas ocorre de forma qualitativa, considerando a

perspectiva das autoras no papel de observadoras, correlacionando com o autor referido em *Um ato fotográfico e outros ensaios*, onde são discutidos os modos de representação do real, considerando que a fotografia pode ser assumida como espelho do real (o discurso da mimese), como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução), bem como traço de um real (o discurso do índice e dá referência).

Estes modos estão a complementar a análise das autoras sobre o que as fotografias de Archibald transmitem, os seus elementos principais, as suas intenções, a ação de Eli no momento do registro, os condicionantes espaciais e a delimitação da imagem, conforme abordado mais adiante. Antes destas análises discorre-se, a seguir, sobre os assuntos que cercam a problemática proposta neste texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 FOTOGRAFIA

Conforme Avancini (2011, p. 53), a fotografia surge com forma de leitura e relato, estimulada pela imaginação e interpretação de situações da vida cotidiana nas cidades, no meio urbano, rural, nos espaços públicos, sendo elas voltadas para paisagens, para objetos, entre outros. Ou seja, a fotografia passou a ser uma linguagem visual de um ponto de vista do observador, seja ele o fotógrafo ou o receptor final da imagem. “Com isso a percepção do mundo se tornou mais aprofundada e complexa.

Embora a fotografia – e o cinema – não revelem nada do mundo no sentido literal, contribuem educativamente para o ver melhor” (AUMONT, 1995, p. 276). Podemos assimilar a intenção dos dois autores de esclarecer que a fotografia envolve não só o registrador, o fato, situação ou objeto registrado, mas também que ela envolve o seu leitor, onde cada um pode sim, dar sua perspectiva ao registro.

Durante os séculos XIX e XX as fotografias tinham como tema principal retratar o cotidiano nas cidades, principalmente, nos grandes centros urbanos. A partir dos anos de 1990, o registro fotográfico de cenas tidas como banais, passa a integrar as grandes exposições e museus pelo mundo (SOLOMON-GODEAU, 1991 apud CARVALHO, 2016, p. 81).

O século XIX tinha uma concepção da fotografia que chamo de discurso da mimese, um conceito daquela época. As imagens eram vistas como uma reprodução do mundo como ele é. Era uma noção icônica. É certo que o século XIX foi marcado por essa visão de semelhança, mas ela não desapareceu, é ainda uma crença contemporânea, um ponto de vista hoje muito frequente. Com esforço, alguns teóricos do início do século XX demonstraram que a imagem fotográfica não era um espelho neutro, mas um instrumento de interpretação do real. Alguns exemplos dessa transposição foram percebidos: o preto-e-branco contrastando com a realidade em cores, a imagem fixa e o mundo constantemente mudando, a imagem bidimensional advinda da realidade tridimensional, o puramente visual excluindo qualquer outra sensação auditiva, olfativa, tátil ou gustativa. Portanto a fotografia não é como o mundo, ela transforma o mundo (DUBOIS, 1994, p. 134).

Com o passar das décadas, a fotografia evoluiu da forma prática e técnica de se realizar, até a sensibilidade do olhar contemporâneo e a prática da fotografia digital. Este “novo” meio de se fazer fotografia torna todo o processo mais rápido, mais moldável, e assim, por vezes, ela se afasta do ideário de real.

Ainda dentro da perspectiva da fotografia contemporânea, outro autor estudado, Carvalho (2017), defende que esta forma de linguagem visual mantém um estreito diálogo com a arte, onde o artista, fotógrafo vive uma busca por estratégias de retratar o cotidiano, os hábitos diários, tudo aquilo que nos passa despercebido, considerado banal. Conforme Lima (2020), a fotografia em si não é a representação da realidade, mas sim é a técnica de manifestação de um cotidiano, um tempo, e um lugar. A partir da leitura de Carvalho (2017) e Lima (2020), pode-se reforçar a ideia de que o significado da fotografia é determinado pela presença do observador e da situação onde os dois se envolvem em uma ação eternizada pelo registro “fotográfico”.

Tal concepção também encontra eco na citação abaixo:

A pessoa, o lugar, os objetos estão expostos e escondidos ao mesmo tempo sob a luz, os dois olhos não bastam para captar o que se oculta no rápido florir de um gesto. É preciso que a lente mágica enriqueça a visão humana e do real de cada coisa um real mais seco extraia para que penetremos fundo no puro enigma das figuras. Fotografia é o codinome da mais aguda percepção que a nós nos vai mostrando e da evanescência de tudo, edifica uma permanência cristal do tempo no papel. (ANDRADE, 1985, p.52).

Neste sentido, *Um ato fotográfico e outros ensaios*, obra norteadora deste trabalho, aborda os modos de representação do real, considerando que a fotografia pode ser assumida como espelho do real (o discurso da mimese), a qual trata esta representação como uma imitação mais perfeita da realidade, uma imagem automática e quase natural, sem interferência do artista diretamente.

Além disso, a fotografia pode ser considerada como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução), pois a imagem fotográfica possibilita a interpretação e análise por parte do observador. A terceira forma pela qual pode se compreender a fotografia, de acordo com o autor, é como traço de um real (o discurso do índice e dá referência), entendimento a partir do qual entendimento a partir do qual amplia-se a leitura da imagem, considerando-a além de um documento que eterniza memórias, como como um objeto de reflexão individual e que, a partir disso, tem a capacidade de ampliar a sua visão de mundo.

Assim sendo, entende-se a fotografia como uma ferramenta útil para impulsionar a discussão das questões sociais, tal como a inclusão de portadores de TEA. Entende-se também que os registros fotográficos são capazes de instigar e ampliar a visão do ser humano, inclusive, a exemplo da obra de Archibald, que registra momentos do cotidiano de uma criança autista, assim como incita a reflexão sobre esse tema.

3.2 AUTISMO

Até os dias de hoje, o autismo não tem causa conhecida. Existem algumas pesquisas que citam a herança genética, outras que fatores ambientais impactariam no feto com complicações durante a gravidez, desequilíbrios metabólicos, infecções e exposição a substâncias tóxicas. Para Guedes e Tada (2015, p. 303):

Desde sua descoberta pelo médico austríaco Leo Kanner em 1943, este transtorno ou condição mental tem sido motivo de inúmeras discussões e controvérsias em relação ao seu diagnóstico, causas e tratamentos adequados. Sabe-se, por exemplo, que sua origem é determinada por fatores multicausais (Schwartzman, 2011), mas não há respostas suficientes que os determinem, especificamente.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), rotula esses distúrbios como um espectro justamente por se manifestarem em diferentes níveis de intensidade (AMERICAN..., 2014). Uma pessoa diagnosticada como de alta funcionalidade apresenta prejuízos leves, que podem não a impedir de estudar, trabalhar e se relacionar. Um portador de média funcionalidade tem um menor grau de independência e necessita de algum auxílio para desempenhar funções cotidianas, como tomar banho ou preparar a sua refeição. Já o paciente de baixa funcionalidade vai manifestar dificuldades graves e costuma precisar de apoio especializado ao longo da vida (SENA, 2014, p. 106).

Cada indivíduo dentro do espectro vai desenvolver o seu conjunto de dificuldades variadas e características bastante particulares. Tudo isso vai influenciar como cada pessoa se relaciona, se expressa e se comporta. Quanto às suas características, algumas seriam: a dificuldade para interagir socialmente, como manter o contato visual, expressão facial, gestos, expressar as próprias emoções e fazer amigos; dificuldade na comunicação, optando pelo uso repetitivo da linguagem e bloqueios para começar e manter um diálogo; e alterações comportamentais, como manias, apego excessivo a rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas, dificuldade de imaginação e sensibilidade sensorial (ZIBOVICIUS; MERESSE; BODDAERT, 2006, p. s22).

Conforme o DSM-5 (AMERICAN..., 2014), o transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos.

Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (SENA, 2014, p. 107). Sensibilizar a sociedade sobre a importância da inclusão sobre aqueles que vivem com a condição, por meio de série fotográfica íntima e genuína, captando a sua essência. Retratar a pessoa com autismo exatamente como ela é, sem planejar situações e cenários, captando o momento, respeitando suas limitações e tempo em determinada atividade.

Neste sentido, com a análise da obra de Archibald, há a pretensão de que seja feito este estudo com o intuito de responder os questionamentos propostos inicialmente neste trabalho.

3.3 PROJETO ECHOLILIA E OS MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO REAL

Na busca por entender a condição de seu filho autista e tentar criar uma forma de comunicação com ele, o fotógrafo americano Timothy Archibald iniciou um projeto fotográfico, o qual denominou *Echolilia: Sometimes I Wonder*, que tem origem na palavra ecolalia, termo usado para fazer referência a sons e frase constantemente repetidas por pessoas dentro do TEA (ARCHIBALD, 2013, on-line)

Para nortear a reflexão acerca das fotografias do Timothy Archibald, utiliza-se como base a obra de DUBOIS (1998), a qual discorre sobre as diferentes funções atribuídas à fotografia no decorrer da história: a fotografia como espelho do real, como transformação do real e como traço de um real, conforme discorrido no primeiro tópico.

De acordo com Barbosa (2013, on-line), esse projeto iniciou quando Eli, filho autista de Archibald, tinha 5 anos, tendo como principal objetivo conectar-se com ele por meio de registros fotográficos das situações mais peculiares do dia a dia de Eli, a fim de também torná-la uma ferramenta para a inclusão social dessa maneira diferente e única de ser e ver o mundo, por meio da exposição dessas fotografias. Todas as fotos foram feitas em momentos que Eli se cansa do que estava fazendo e resolve buscar outra ocupação. Ao longo de toda série, ele também relata que as fotografias mostram o estreitamento da relação entre os dois.

Figura 1 – Ensaio: Echolilia: Sometimes I Wonder



Autor: Timothy Archibald (2013).

Na fotografia apresentada, analisando-a como espelho do real, uma das visões de Dubois (1998, p. 27), vê-se um menino em uma rua deserta segurando uma boneca, em um dia frio de inverno e com bastante neblina. Ele está vestido com uma roupa grande e apropriada para o clima, retratando a imitação mais perfeita da realidade, com uma imagem automática e objetiva, nesse ponto sem interferência direta do observador.

Ao seguir com a análise, a partir do estudo e das visões mencionadas pelo autor e em busca de mostrar que a imagem fotográfica não pode ser um espelho neutro e sim um instrumento de análise e interpretação, ou seja, a fotografia compreendida como uma transformação do real, pode-se depreender que o objeto que o acompanha lhe traz segurança para sair à rua; a roupa escolhida lhe traz conforto e proteção, não sendo pensada como inapropriada para o local. O menino fotografado olha para o chão como uma forma de limitar a imensidão do espaço em que está inserido.

O fotógrafo, observando-a enquanto traço do real, com muita sensibilidade, registra esse momento de introspecção e bem-estar do menino autista, registrando a cena de uma forma ampla, mas com foco na sua expressão e no seu sentimento; mostra também a solidão e isolamento de um ser humano que entende o mundo de uma forma diferente. Portanto, mesmo reconhecendo os códigos presentes na fotografia, está transmitindo o sentimento real, adquirindo sentido ao tornar-se símbolo, indo além do objetivo de ser um simples instrumento documental de memórias, sem ser considerada pela sua suposta capacidade de eternizar a realidade, libertando de uma leitura objetiva do real, ampliando a visão de mundo do espectador e proporcionando uma visão mais ampla da imagem.

Figura 2 – Ensaio: Echolilia: Sometimes I Wonder



Autor: Timothy Archibald (2013).

Ao analisa segunda fotografia, como espelho do real, apresenta-se a imagem de um menino deitado em um local menor que o tamanho de seu corpo, porém devidamente encaixado. Ele encontra-se

deitado, de lado, dentro de uma caixa transparente, que permite ver o menino. O registro mostra a luz natural de um dia de sol, em um ambiente interno, com o corpo de costas para a luz que entra no espaço.

Ao analisá-la a partir da possibilidade de ser uma transformação do real, enquanto um instrumento de análise e interpretação, pode-se afirmar que o local escolhido pelo menino traz segurança, por limitar o espaço, ao mesmo tempo em que proporciona sensações diferentes por meio do toque com pressão na caixa, de certa forma isolando-o do mundo exterior.

Nessa foto, as lentes do fotógrafo registram esse momento de regulação sensorial do menino autista ao registrá-lo com um olhar de alívio, transmitindo uma sensação de bem estar e acolhimento, mostrando a necessidade que a pessoa dentro do TEA tem de se autorregular, ampliando assim a visão do espectador, pois a imagem, mesmo que proponha outras interpretações, sempre terá um traço da realidade, por meio da captura de uma cena verdadeira ao adquirir sentido, sendo este o discurso do índice e da referência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros fotográficos do cotidiano do autista, considerando o todo aqui exposto, ao trazer genuinamente seu jeito de ser e ver o mundo, têm êxito na conscientização e sensibilização da sociedade e consequente inclusão na mesma, pois retrata momentos espontâneos e não fotografias antecipadamente pensadas.

A análise do TEA se faz facilitada quando também compreendida a forma analítica de Dubois (1998) que liberta a visualização criativa do observador para que, ao apreciar, conheça caminhos pelos quais sua percepção possa percorrer, para que se absorva além do registrado pelas lentes fotográficas, libertando-se de alguns preconceitos, de pontos de vista diferentes daqueles obtidos previamente.

Em outras palavras, o conhecimento técnico/analítico de expressões artísticas faz com que espectadores, ao observar, tornem-se parte da arte, como fica claro por meio da forma como ensina Dubois (ano). O autor esclarece quais são os métodos que ele usa para analisar as fotografias e as diferenças entre eles, permitindo que o observador rompa restrições próprias e passe a buscar interpretações mais profundas acerca daquilo que o autor artístico quis captar, havendo uma interação entre a intenção do fotógrafo, do fotografado e do observador.

Assim, as imagens exploradas foram escolhidas, porque considera-se que proporcionam uma reflexão mais ampla do cotidiano de uma pessoa com TEA, despertando a necessidade de em busca da conscientização e empatia, ao mesmo tempo que reforçam as diferentes maneiras de ser e ver o mundo, promovendo uma sociedade mais inclusiva.

Uma das autoras deste trabalho é mãe de uma criança com TEA e, com isso, aliado à pesquisa e análise da obra do fotógrafo Timothy Archibald, as demais autoras puderam conhecer mais profundamente um pouco da rotina e de como o autista percebe o mundo, conhecimento este trazido para este texto para compartilhar com todos os leitores, de forma a estender para a sociedade como um todo um breve esclarecimento sobre esta condição.

Desejamos que este texto chegue a quem o lê como um ponto de partida para levantar a discussão sobre o autismo, e que este tema esteja cada vez mais presente em todos os setores da sociedade, despertando a sensibilidade dentro de cada um. Considera-se, por fim, a reflexão de que por vezes não se trata apenas de incluí-los, mas sim de nos adaptarmos a eles para tentarmos proporcionar um ambiente mais acolhedor e um lugar melhor para se viver.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association *et al.* **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICANO faz projeto de fotos para se aproximar de filho autista. **G1**, 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/americano-faz-projeto-de-fotos-para-se-aproximar-de-filho-autista.html>. Acesso em: 8 maio 2021.

ANDRADE, C. D. de. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

AUMONT, J. **A imagem**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1995.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. **Brazilian journalism research**, v. 7, n. 1, p. 50-68, 2011. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/285>. Acesso em: 2 maio 2021.

BARBOSA, Jaque. Pai capta universo particular do filho autista em projeto fotográfico sensível. **Hypeness**, 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2013/05/pai-capta-universo-particular-do-filho-autista-em-uma-serie-de-fotos-cheia-de-sensibilidade/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CARVALHO, Victa de. Fotografia, cotidiano e cidade: entre o ver e o habitar a imagem. **Passagens: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - UFC, Fortaleza/CE**, v. 8, n. 2, p. 74-92, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36839/1/2017_art_vcarvalho.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

CARVALHO, Victa de. A experiência do homem comum na fotografia de rua contemporânea. **Galaxia**, São Paulo, n. 32, p. 80-92, ago. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/3996/399646423007/399646423007.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisa baseada em Arte-Criação de mundos outros. **Palíndromo**, v. 11, n. 25, p. 64-84, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/10474/10441>. Acesso em: 5 maio 2021.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA, Iracema Neno Cecilio. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 303-309, 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722015000300303&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2021.

LIMA, Maria Aparecida. **A fotografia do cotidiano**; práticas culturais na cidade de Ihambupe. Inhambupe/BA: Paco Editorial, 2020.

SÁ, Rosângela. Infinito Particular. **Ponto Crítico**, 2016. Disponível em: <https://pontocritico.org/05/12/2016/infinito-particular/>. Acesso em: 7 maio 2021.

SENA, Tito. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-5, estatísticas e ciências humanas: inflexões sobre normalizações e normatizações. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 11, n. 2, p. 96-117, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n2p96>. Acesso em: 29 abr. 2021.

TEIXEIRA, Evandro. **Fotojornalismo**. Rio de Janeiro: JB, 1982.

TIMOTHY ARCHIBALD. Timothy Archibald, c2016. Disponível em: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/4> Acesso em: 10 abr. 2021.

ZILBOVICIUS, Mônica; MERESSE, Isabelle; BODDAERT, Nathalie. Autismo: neuroimagem. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s21-s28, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a04v28s1.pdf>. Acesso em: 1 maio 2021.

Recebido em: 9 de Maio de 2021

Avaliado em: 12 de Setembro de 2021

Aceito em: 1 de Dezembro de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Especialista em Arquitetura 4.0- Arquitetura e Sistemas – UNINTER; Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cruz Alta, Arquiteta atuante no Município de Cruz Alta e região. E-mail: agni.arqurb@gmail.com

2 Especialista em orientação e supervisão escolar – UNICRUZ; Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria; Professora na rede estadual de ensino do estado do RS em Cruz Alta. E-mail: alinemacke8@gmail.com

3 Especialista em Pedagogia empresarial e Informática na Educação – FUTURA; Pós-graduanda em Artes – UFPEL; Licenciada em Letras - Português, Inglês e Literaturas pela Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ; Professora na rede estadual de ensino do estado do RS e na rede privada de ensino de Cruz Alta. E-mail: ap_coimbra@hotmail.com

4 Doutora; Professora, Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Rio Grande do Sul. E-mail: paulaglima@gmail.com

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

